

AS CIDADES MÉDIAS INTERIORIZADAS NO DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE: UM ESTUDO SOBRE PAU DOS FERROS (RN)

*JOSENEY RODRIGUES DE QUEIROZ DANTAS¹
MARIA DO LIVRAMENTO MIRANDA CLEMENTINO²*

Resumo

Os estudos sobre as cidades médias no Brasil ganham destaque no meio acadêmico e na elaboração de políticas públicas nos anos 1970. Com o contexto econômico da globalização e as reconfigurações territoriais, alguns autores tem proposto a utilização do termo cidade intermédia ou cidade intermediária, em cujo escopo está embutido critérios de natureza qualitativa. Na região Nordeste, o processo de urbanização foi lento, atomizado, geográfico e economicamente disperso, o que resultou numa rede urbana truncada, constituída por suas nove capitais regionais e cerca de duas dezenas de cidades de porte médio, em sua maioria, interiorizadas. É a partir dessa 'rede urbana nordestina interiorizada' que nos propomos a estudar Pau dos Ferros, no Rio Grande do Norte. Compreender os determinantes da produção desse espaço urbano-regional que a caracterizam como cidade (inter) média, com fins a refletir sobre o seu papel no desenvolvimento regional é o objetivo deste trabalho. Nossa principal hipótese é que, a despeito

de um contingente populacional pequeno, Pau dos Ferros vem desempenhando na rede urbana do Nordeste as funções de intermediação, particularmente, pela ação Estatal e/ou intervenção pública na oferta dos serviços de educação superior e saúde, além da oferta de empregos, notadamente no comércio e nos serviços públicos, o que nos permite tratá-la à priori como uma cidade intermediária.

Palavras-chave: Cidades média; Produção do espaço urbano-regional; Pau dos Ferros.

Abstract

Studies on medium-sized towns in Brazil gain prominence in academia and policy-making in the 1970s. With the economic context

of globalization and territorial reconfigurations, some authors have proposed the use of the term middle city or intermediate city, in whose scope is embedded criteria of a qualitative nature. In the Northeast, the urbanization process was slow, fragmented, dispersed geographically and economically, which resulted in a truncated urban network, with its nine regional capitals and about two dozen medium-sized towns, mostly interiorized. It is from this 'northeastern urban network interiorized' that we propose to study Pau dos Ferros, in Rio Grande do Norte. Understanding the determinants of production of this urban-regional space that characterize it as a city (inter) middle, with the purpose to reflect on their role in regional development is the objective of this work.

¹ Doutora em Ciências Sociais (UFRN); Mestre em Economia (UFCG). É docente do Departamento de Economia – DEC/CAMEAM/UERN; é líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Economia, Cultura e Território – GEPECT/UERN. E-mail: joseney-queiroz.uern@gmail.com

² Phd Université Lumière Lyon2 de Paris; Doutora em Economia (UNICAMP); Mestre em Sociologia (UNICAMP). É professora titular do Departamento de Políticas Públicas – DPP/UFRN; é coordenadora do Núcleo Observatório das Metrôpoles - RM Natal. E-mail: clement@ufrnet.com



Our main hypothesis is that, despite a small populations, Pau dos Ferros has played in the urban Northeast network intermediation functions, particularly by the State action and / or public intervention in the provision of higher education and health services, and of jobs, especially in trade and public services, which allows us to treat it a priori as a intermediate town.

Keywords: Medium-sized town; Production of this urban-regional; Pau dos Ferros.

JEL: R1

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, a aceleração do processo de urbanização a partir dos anos 1960, bem como a consequente reorganização do sistema urbano se deu sob os impactos da industrialização com todas as características de um país periférico.

De acordo com Faria (1978), a acumulação capitalista ancorada na produção industrial, ao ir redefinindo o modo de inserção das diversas áreas regionais no quadro da divisão do trabalho, transforma a estrutura social e reestrutura a rede urbana pré-existente, integrando-a e redefinindo a posição e a função dos diferentes nódulos do sistema urbano brasileiro.

Brandão (2007) afirma que as mudanças recentes na economia mundial e a inserção do Brasil nesse novo contexto, não alteraram “o uso que o capital faz das escalas espaciais”, e, dessa forma, não alteraram a desigualdade e a fragmentação da rede urbana brasileira.

Para o autor, é fato que o capitalismo aperfeiçoou seus instrumentos e aumentou a agilidade das escalas e da utilização do espaço.

A celeridade e a dimensão das revitalizações, desvalorizações de capitais e lugares, ‘desindustriali-

zações’, realocações regionais, etc. são impressionantes. Surgem novas interdependências, vínculos mercantis e não-mercantis, setoriais e territoriais, que redefinem circuitos produtivos regionais/ locais [...] atualizam-se e desatualizam-se fluxos de mercadorias e redes de poder com grande rapidez. (BRANDÃO, 2007, p. 52)

Para Dantas e Clementino (2012), no Brasil, a fragmentação da insegurança e do desenvolvimento desigual no interior de uma economia dinâmica globalizada que tem convivido historicamente com a tensão entre centralização e descentralização pode aparecer de várias maneiras. Na região Nordeste, os espaços de maior dinamismo, capitaneados pelo setor industrial, continuam concentrados na faixa litorânea com destaque para as três regiões metropolitanas (Recife, Salvador e Fortaleza), e para as capitais de Natal e João Pessoa. Em outras palavras, em nível intrarregional a desconcentração não é evidente.

De acordo com o IPEA,

É preponderantemente em função dos investimentos na indústria, com destaque para a produção de bens intermediários, que se verifica a constituição de uma nova especialização da economia nordestina, mas também mudanças sensíveis na dimensão das exportações regionais e na composição de sua pauta. (IPEA, 2002, p. 80)

O estudo do IPEA (2002) destaca ainda que a malha urbana no eixo litorâneo não sofreu grandes alterações durante o período de desconcentração da economia brasileira apesar dos movimentos em direção à expansão das fronteiras agrícola e mineral.

É nesse contexto que o último REGIC (2008) continua a tratar da existência de duas redes urbanas no Nordeste, com características diversas: uma no litoral composta

pelas capitais dos estados e seu entorno, na qual se concentram as atividades mais dinâmicas e os serviços tidos como superiores; e outra no interior, dispersa e atomizada formada por ‘antigas capitais regionais’ e poucos centros que apesar do baixo dinamismo, desempenham papel importante na dinâmica regional.

A rede urbana dessa região [Nordeste] é fortemente comandada pelas capitais dos estados, apoiada em poucos centros do interior, como os de Campina Grande (PB), Juazeiro-Petrolina (BA-PE), Caruaru (PE), Mossoró (RN), Juazeiro do Norte-Crato-Barbalha (CE), Feira de Santana, Ilhéus-Itabuna e Vitória da Conquista (BA). (IBGE, 2008, p.143)

Soares & Ramires (1997) ressaltam a importância das pesquisas sobre as cidades médias tendo em vista que os “espaços não metropolitanos” têm sido pouco estudados no Brasil como um todo. Para os autores, existe uma lacuna a ser preenchida principalmente quando levamos em conta “a projeção e a importância de diversas cidades médias localizadas em diversas porções do interior brasileiro” (SOARES e RAMIRES, 1997, p. 5).

É a partir da visão da existência de uma rede urbana desigual em nível de Brasil e que apresenta dupla dinâmica no Nordeste que inserimos os estudos sobre a conceituação e a definição das cidades (inter) médias na atualidade. Serão priorizados os estudos que valorizem os aspectos qualitativos relacionais e estratégicos e que destaquem nas ‘cidades médias’ seu papel de intermediação na conformação do desenvolvimento regional.

Compreender os determinantes da produção desse espaço urbano-regional que caracterizam Pau dos Ferros, no Rio Grande do Norte, como cidade (inter) média na ‘rede

urbana nordestina interiorizada' com fins a refletir sobre o seu papel no desenvolvimento regional é o objetivo deste trabalho.

2 AS CIDADES MÉDIAS E SEU PAPEL NO DESENVOLVIMENTO REGIONAL: UM OLHAR SOBRE A 'REDE URBANA NORDESTINA INTERIORIZADA'

Ao tratar da urbanização do Nordeste, Cano (1989) aponta a existência de cerca de 20 cidades de porte médio, em sua maioria interiorizadas. Em pesquisa realizada nos anos 2000, Pontes (2006)³ identificou 21 cidades médias na região Nordeste, são elas: Caxias, Imperatriz e Timon (MA); Parnaíba (PI); Sobral e Juazeiro do Norte (CE); Mossoró (RN); Campina Grande (PB); Caruaru, Garanhuns, Petrolina e Vitória de Santo Antão (PE); Arapiraca (AL); Alagoinha, Barreiras, Feira de Santana, Ilhéus, Itabuna, Jequié, Juazeiro e Vitória da Conquista (BA).

Apesar das especificidades de cada cidade apontadas no estudo, a autora apresenta algumas características comuns às cidades médias nordestinas, entre as quais destacamos: tendência à migração campo-cidade em virtude da estagnação de atividades primárias em várias áreas do Nordeste; progressiva terciarização da economia com a presença de estruturas heterogêneas; persistência do desemprego e da pobreza nas cidades médias estudadas; verificou-se ainda, graves problemas pertinentes à saúde, à educação, ao saneamento básico, aos déficits ocupacionais e ao transporte urbano. Em síntese: as mudanças e modernizações ocorridas no período recente não foram suficientes para proporcionar melhores condições de vida à população nordestina (PONTES, 2006).

Para os objetivos deste estudo, destacamos entre as "antigas" capitais regionais, as cidades de Mossoró-RN, Campina Grande-PB, e Juazeiro do Norte-CE.

Andrade (1987) destaca a importância histórica e espacial dessas capitais regionais, as quais ele chama 'Pólos de Crescimento' e descreve suas principais características.

Campina Grande é um importante centro urbano no interior paraibano que se desenvolveu como entreposto entre as regiões sertanejas produtoras de algodão e o porto do Recife, exportador deste produto para a Europa. [...] Após alcançar uma população hoje superior a 280.000 habitantes, e conquistar uma grande importância como centro comercial, se desenvolveu como centro industrial de médio porte e como centro universitário. (ANDRADE, 1987, p. 53)

Crato e Juazeiro do Norte, no cariri cearense, constituem-se importantes centros urbanos germinados que servem de capital regional a esta importante área do sertão nordestino. Aí ao lado de uma indústria desenvolvida, há também o artesanato, é centro de peregrinações religiosas ligadas ao culto do Padre Cícero. (ANDRADE, 1987, p. 53-54)

Mossoró, no oeste do Rio Grande do Norte, nas margens do rio Apodi, destaca-se como centro cultural, por possuir várias faculdades, e como centro industrial. (ANDRADE, 1987, p. 54)

Atualmente, essas cidades constituem-se capitais regionais com atuação importante na dinâmica econômica-espacial não apenas no nível regional e

nacional, mas também no âmbito internacional.

De acordo com o estudo do IPEA (2002),

Campina Grande é, hoje, uma cidade industrial, comercial e, principalmente, de serviços, funcionando também como pólo de educação e saúde, no interior da Paraíba. Como pólo difusor de conhecimentos, o seu raio de influência ultrapassa os limites do próprio estado, recebendo alunos de outros estados do Nordeste, como o Maranhão, o Ceará e o Rio Grande do Norte. (IPEA, 2002, p. 71)

O Aglomerado Juazeiro do Norte-Crato, ao se situar a meio caminho entre os aglomerados metropolitanos de Fortaleza e do Recife, mantém com os mesmos estreitas relações em termos de fluxos de bens e serviços. A sua importância se traduz pela dimensão do subsistema urbano por ele comandado. (IPEA, 2002, p. 76)

Mossoró - Integra, juntamente com o município de Guamaré, o pólo Gás-Sal, sendo a Petrobrás um de seus principais esteios. Mossoró integra igualmente o moderno e recente complexo agroindustrial Açú-Mossoró de fruticultura irrigada. Os produtos (in natura e processados) estão direcionados ao mercado nacional e, principalmente, ao mercado mundial, sendo a Holanda e a Inglaterra os principais consumidores. A importância desse Aglomerado pode ser mensurada pela dimensão do arcaçouço urbano, que inclui nada menos que outros sessenta e três municípios, sendo os de maior expressividade os de Pau dos Ferros, Macau e Aracati. (IPEA, 2002, p. 80)

O último REGIC também destaca a importância desses centros para a rede urbana nordestina, em especial para a 'interiorizada'.

Nesta região (Nordeste), as capitais tradicionalmente concentram a

³ A autora utilizou a base de dados do REGIC 1993, publicado pelo IBGE em 2000.

oferta de equipamentos e serviços e são poucas as opções de centros de nível intermediário, ainda que deva ser notado que estes, apesar de poucos, são tradicionais e exercem forte polarização em suas áreas, a exemplo de Campina Grande, petrolina-Juazeiro, Juazeiro do Norte-Crato-Barbalha e Mossoró. (IBGE, 2008, p. 13)

Em um nível abaixo das capitais regionais, na hierarquia urbana, mas de fundamental importância para a rede urbana nordestina interiorizada, estão as cidades classificadas pelo REGIC como Centro Sub-regional⁴, categoria em que se encontra a cidade de Pau dos Ferros, no Rio Grande do Norte, objeto de estudo deste trabalho.

Mesmo que a priori, nem todos os centros sub-regionais apresentem as características mais comuns de uma cidade média, grande parte assume as funções de intermediação, em especial, aqueles localizados no interior do Nordeste. No caso de Pau dos Ferros, sua localização fronteiriça reforça suas funções urbanas e sua influência no desenvolvimento regional, para além de sua área de influência imediata, chegando a municípios do Ceará e da Paraíba.

Pontes (2006), afirma que as cidades médias passaram por várias reformulações nos seus papéis. Na concepção da autora, a cidade média seria um “centro urbano com condições de atuar como suporte às atividades econômicas de sua hinterlândia, bem como ela atualmente pode manter relações com o mundo globalizado, construindo uma rede geográfica superposta à que regularmente mantém com suas esferas de influência”. (PONTES, 2006, p. 334)

É nesse novo contexto econômico da globalização e das reconfigurações territoriais provocadas pela reestruturação produtiva que se apresentam, que uma gama de autores tem proposto a utilização do termo cidade intermédia ou cidade

intermediária, em cujo escopo está embutido critérios de natureza qualitativa, dentre eles a idéia de um espaço de relações estruturados em nós e fluxos. O conceito de cidade intermédia/intermediária introduzido pelo francês Michel Gault no final dos anos 1980 “valoriza os critérios de natureza qualitativa em detrimento da excessiva rigidez demográfica.” (AVELINO, 1999, p. 466).

Para além de uma mudança nominal, Ferrão et. al. destaca que o novo conceito é uma concepção mais rica e alargada que realça os aspectos relacionais.

O duplo sentido de intermédio/intermediário sugere a ideia de um espaço de relações (entre cidades e entre cidades e regiões), estruturados em nós e fluxos, onde a ‘cidade intermédia’ é (ou pode e deve ser) um mediano, um ponto de encontro e de passagem obrigatória. (FERRÃO, et al., 1994, p. 1128).

O grupo espanhol coordenado por Josep Llop Torné e Carme Bellet Sanfeliu, contempla cidades que estão na faixa de 20.000 a 2.000.000 de habitantes. Para Sanfeliu (2000), a definição da ‘cidade intermédia’ deve privilegiar os contextos territoriais e socioeconômicos dos diversos estados e nações em que estas cidades estão localizadas, bem como o papel de intermediação entre as grandes áreas urbanas e amplos espaços rurais que estão em sua área de influência.

Nessa mesma linha, Torné y Sanfeliu (2000) destacam as cidades intermédias como centros de bens e serviços para sua área de influência e centros de interação social econômica e cultural.

No Brasil, autores como Amorim Filho e Serra (2001), Sposito (2001), e Soares (1999), dentre outros, também enfatizam a função de centro intermediário exercida pelas cidades médias.

De acordo com Amorim Filho e Serra (2001), as cidades médias continuam a ser valorizadas como fator de equilíbrio para as redes e hierarquias urbanas, bem como por exercer as funções de relação e intermediação com as grandes cidades e com as pequenas cidades e o meio rural. Para os autores, o papel de articulação e intermediação são fundamentais para a implantação, desenvolvimento e a expansão dos corredores de transporte e comunicações.

Sposito (2001) destaca que as cidades médias assumem as funções de centros intermediários da economia, polos de produção e distribuição de mercadorias. Para a autora, as cidades médias tornam-se “centros importantes nas redes de circulação de bens e serviços, vez que estão localizadas nas posições intermediárias da rede urbana, estabelecendo as relações entre as cidades de maior e menor porte”. (SPOSITO, 2001, p. 631)

Em termos de identificação das cidades médias, Soares (1999) chama a atenção para a importância de considerar nos estudos das cidades médias, além do tamanho demográfico, da sua funcionalidade e dos índices de qualidade de vida, sua localização geográfica, bem como sua formação histórica “podemos dizer que as cidades médias ou intermediárias são definidas pelo lugar que ocupam não apenas na rede urbana,

⁴ Integram os centros sub-regionais 169 centros com atividades de gestão menos complexas entre os níveis 4 e 5 da gestão territorial, tem área de atuação mais reduzida e seus relacionamentos externos se dão apenas com as três metrópoles nacionais. Tem presença mais adensada nas áreas de maior ocupação do Nordeste e do Centro Sul e mais esparsa nos espaços menos densamente povoados do Norte e do Centro Oeste. (IBGE, 2008).

mas também no sistema econômico local” (SOARES, 1999, p. 57).

Araujo, Moura e Dias (2011) propõem a necessidade de pensar as cidades médias como unidades articuladas a sistemas de cidades que adensam fluxos de relações materiais e imateriais e que conferem complexidade a funções e papéis específicos, ao mesmo tempo que ampliam a rede de abrangência de sua influência. Para além de núcleos de contenção de demanda e de fluxos migratórios.

É necessário que seja fortalecido seu papel de apoio, de polo de serviços para as aglomerações menores, auxiliando na melhoria das condições de vida dos cidadãos que residem em outros núcleos urbanos de menor porte ou mesmo em áreas rurais. [...] sua distribuição na rede e seus papéis devem ser avaliados como critérios que levem em conta as dinâmicas intrarregionais, sua localização e especificidades funcionais. (ARAÚJO, MOURA; DIAS, 2011, p. 74)

As autoras destacam ainda que as cidades médias devem ser qualificadas como ‘espaços em transição’, uma vez que estão em constante transformação e podem mudar rapidamente de papéis e de posição em diferentes sistemas urbanos.

É a partir dessa perspectiva que buscamos compreender as funções urbanas de Pau dos Ferros-RN, cidade encravada no semiárido nordestino, no desenvolvimento regional e de ordenação do território e o papel que ela desempenha na sua região de influência que perpassa a raia divisória RN-PB-CE. À priori essas funções seriam oferecer empregos suficientes para acolher a população rural do entorno e absorver a população dos núcleos urbanos saturados e facilitar as condições de vida (educação, saúde, lazer e moradia).

De acordo com Pereira (2007), um estudo que se propõe a pensar

a cidade intermédia em sua relação com a região implica uma análise das relações, fluxos e processos que condicionam a produção da cidade bem como seu papel regional.

Nesse sentido pautamos nossa pesquisa não apenas na importância econômica da cidade de Pau dos Ferros-RN ou de suas funções urbanas no Rio Grande do Norte, mas também nos propomos a discutir como esta cidade se relaciona com sua região de influência e com outros centros.

3 PAU DOS FERROS NA ‘REDE URBANA NORDESTINA INTERIORIZADA’

Pau dos Ferros está situado na Mesorregião Oeste do Rio Grande do Norte, Microrregião de Pau dos Ferros, distante 400 km de Natal, a capital do Estado. A área total do município é de 259,96 km², equivalente a 0,52% da superfície estadual com uma área urbana de aproximadamente 5km². (COSTA, 2010).

Pau dos Ferros está localizado na região de fronteira com os Estados do Ceará e da Paraíba, encravada num ‘triângulo’ formado pelas antigas Capitais Regionais⁵ de Mossoró (RN), Campina Grande (PB) e Juazeiro do Norte (CE), na chamada ‘rede urbana nordestina interiorizada’⁶.

De acordo com o estudo “Caracterização e tendências da rede urbana” do IPEA (2002), a rede urbana do Nordeste tem como característica mais evidente a grande concentração no eixo litorâneo, decorrente da ocupação secular ao longo do litoral, da importância das relações comerciais com o exterior, e das disparidades intra-regionais, além das condições naturais adversas presentes em grande parte do interior.

Essa “herança secular” tem se evidenciado na existência, até hoje, de uma malha urbana mais densa no litoral, onde se localizam as capitais estaduais, com exceção de Teresina no Piauí, e uma rede urbana menos densa, irregular, e fragmentada no interior dos estados.

Mesmo que a priori, Pau dos Ferros, não apresente as características tradicionais de uma cidade média, sua localização (fronteira e no cruzamento de duas rodovias federais, BR-405 e BR-226) reforça a sua influência no desenvolvimento regional, que se expande através da oferta de serviços públicos, em especial educação de nível superior e saúde e reforça suas funções urbanas, com a ampliação de sua área de influência para além dos limites do Rio Grande do Norte. É comum tratar Pau dos Ferros como uma ‘cidade de fronteira’ ou ‘cidade fronteira’.

Diante das restrições político-administrativas vinculadas à noção de fronteiras internas (entre estados federados) para um estudo em que a dimensão espacial é norteadora do desenvolvimento regional, optamos por construir uma “Raia” para denominar essa região.

Para a construção da noção de “raia de fronteira” nos apoiamos no trabalho de Passos (2009). Para este autor, “as fronteiras são raias, áreas de intergradação nas quais os processos se manifestam segundo uma lógica de descontinuidade objetiva da paisagem”. (PASSOS, 2009, p. 1)

Passos identifica no Brasil algumas “raias divisórias” que necessitam de análise no sentido de revelar suas potencialidades culturais, sociais e econômicas com o objetivo de implantar planos de desenvolvimento regionais capazes de superar o estágio de periferia em que vivem

⁵ Cano (1989); Andrade (1987).

⁶ Cano (1989); IPEA (2002); IBGE (2008).

tendo como mote a integração regional.

Na região Nordeste, o autor cita o Vale do Rio Grande, Oeste do Estado da Bahia, no qual ocorreram dois modelos de ocupação, um baseado na cultura dos sertanejos, seguindo um padrão tradicional e confinado e o outro 'dos sulistas' que ali implantaram a monocultura da soja a partir dos anos 1970.

De acordo com Dantas e Clementino (2013a), os impactos desse sistema na rede urbana vêm ocorrendo desde o período colonial e tem rebatimentos na configuração da rede urbana nordestina ainda no período

atual que, como já explicado anteriormente, apresenta uma dinâmica no litoral e outra no interior.

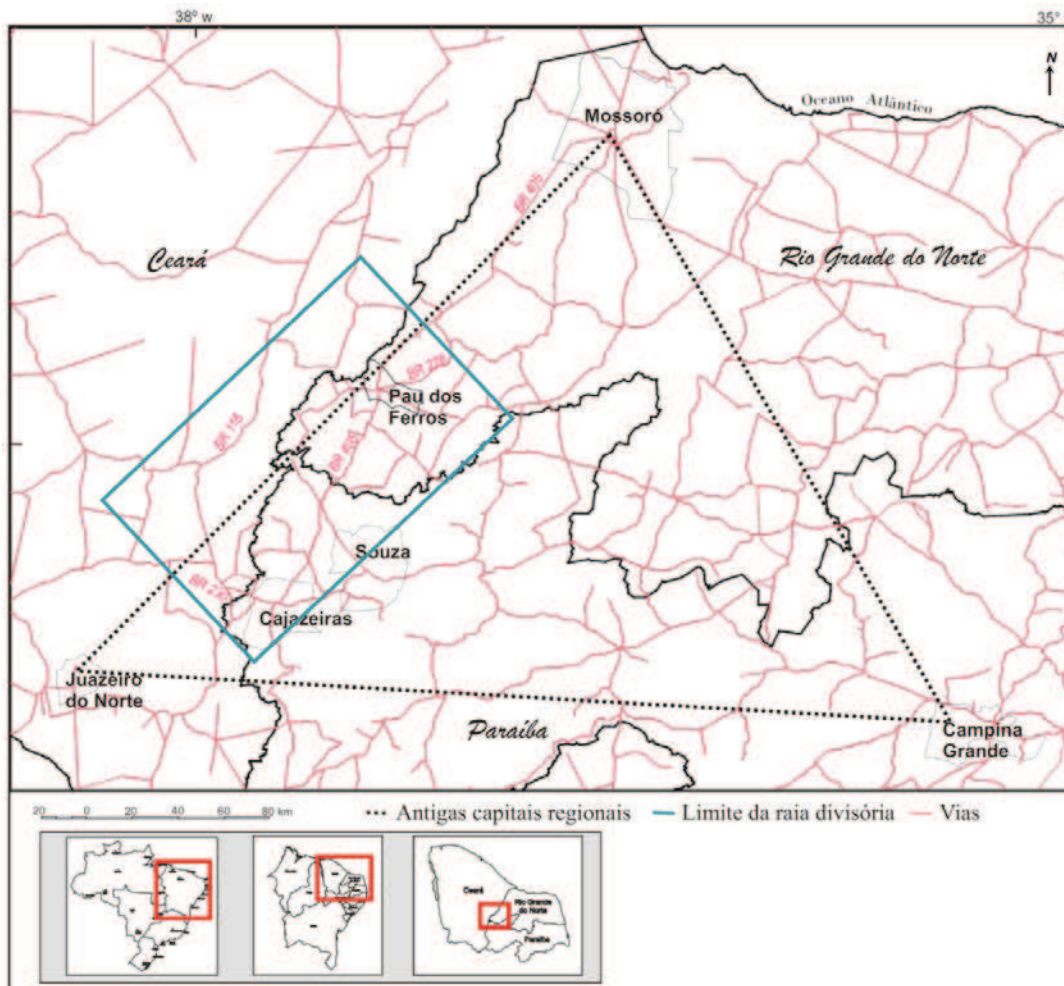
Para a construção da Raia Divisória Rio Grande do Norte-Paraíba-Ceará retomamos a configuração das antigas capitais regionais nordestinas, constituídas pelo Triângulo Mossoró (RN), Campina Grande (PB) e Juazeiro do Norte (CE), onde as "cidades médias" Cajazeiras (PB), Sousa (PB) e Pau dos Ferros (RN) desempenham funções urbanas importantes ainda hoje. (DANTAS; CLEMENTINO, 2012)

A Raia Divisória RN-PB-CE será composta pelos municípios que são

'cortados' pelas rodovias federais que perpassam o interior dos estados do Rio Grande do Norte, Paraíba e Ceará (BR-405, BR-226, BR-230 e BR-116) e/ou que estão no interior do 'retângulo' formado pelo encontro dessas rodovias.

Pau dos Ferros está localizado no interior do retângulo formado pelas quatro rodovias federais acima citadas, mais precisamente na intersecção das BR-405 e BR-226, o que permite a cidade constituir-se num entroncamento de vias de circulação e nó de tráfego, envolvendo pessoas, capitais, informações, mercadorias e serviços. Ver mapa 1, a seguir.

Mapa 1 - A Raia Divisória RN-PB-CE formada pelos entroncamentos viários



Fonte: IBGE (2008 apud DANTAS 2014, p.135)

Dantas e Clementino (2012) ressaltam a localização de Pau dos Ferros-RN, Cajazeiras e Souza-PB no entroncamento de rodovias federais, tem sido significativa para sua posição na rede urbana dos seus respectivos Estados e para a confluência de uma quantidade de população de outros municípios que vem a essas cidades em busca do comércio e/ou dos serviços públicos e privados lá oferecidos. Por outro lado, na porção cearense da raia divisória RN-PB-CE, não há centros sub-regionais, há apenas 02 (dois) Centros de zona - Icó e Jaguaribe. Essa ausência de alguns níveis na hierarquia urbana é característica da rede urbana do Norte e Nordeste as quais apresentam distribuições truncadas com ausência de níveis hierárquicos, apresentando um sistema primaz. “[...] nesta região, as capitais tradicionalmente concentram a oferta de equipamentos e serviços e são poucas as opções de centro intermediário.” (IBGE, 2008, p. 13).

De acordo com Clementino (1997), essa rede urbana irregular e dispersa se ampliou ainda mais com a facilidade para emancipação dos distritos após a Constituição de 1988 que estabeleceu critérios pouco rígidos para a criação de municípios, criou o Fundo de Participação dos Municípios (FPM) e não exigiu contrapartidas em serviços para a população local.

O estudo do IBGE destaca, ainda, que os centros existentes na rede urbana nordestina apesar de poucos, exercem forte polarização em suas áreas. O que nos leva a supor que por serem poucos possam ter suas áreas de influências mais abrangentes.

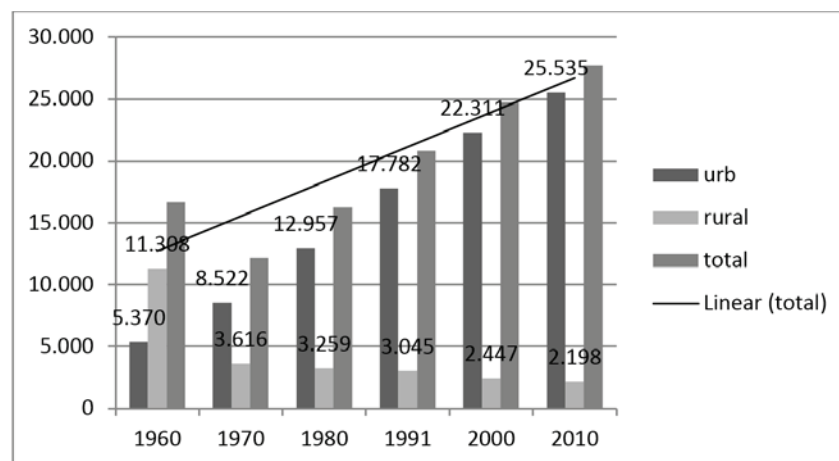
Esta característica pode ser notada quando verificamos a área de influência de Pau dos Ferros, a qual se configura como principal cidade das microrregiões de Pau dos Ferros, Serra de São Miguel e Umarizal, cuja população, somados os 37 municí-

pios, era, em 2010, de 242.021 habitantes, dos quais 162.219 (67,03) residiam nas cidades. (IBGE, 2010).

A despeito da pequena dimensão populacional de Pau dos Ferros, a taxa de urbanização do município é crescente e ocorre desde os anos 1960, acentuada pelo desmembramento de 03 municípios (Riacho de Santana, Rafael Fernandes e Encanto). Em 2010, contava com 27.733 habitantes, dos quais 25.535 residiam na sede do município.

Nas últimas décadas, o processo de urbanização acelerou-se ainda mais, a taxa de urbanização alcançou 85,38% em 1991 e 90,12% em 2000 (COSTA, 2010) e atingiu o percentual de 92,07 em 2010. (IBGE, 2010). Ver gráfico 1 a seguir.

Gráfico 1 – Evolução da população de Pau dos Ferros (urbana e rural) de 1960 até 2010



Fonte: IBGE, (Censos Demográficos *apud* DANTAS e CLEMENTINO, 2013b, p. 11).

Esse crescimento da população urbana pressionou a ampliação da área urbana. Entre 1987 e 2008 a área urbana passa de 2,26 km² para 4,85 km². As regiões Sul e Sudeste da cidade foram as que apresentaram maior crescimento. A existência de prédios públicos como o Campus da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e o Hospital Dr Cleodon Carlos de Andrade (HCCA) construídos na década de 1980 e a recente construção do Campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRN) contribuíram para a expansão do bairro Princesinha do Oeste e para o surgimento dos bairros Arizona, Nações Unidas e Chico Cajá. Segundo Costa (2010), além dos prédios públicos, a construção de estabele-

cimentos comerciais e de residências tornaram esses bairros os responsáveis pelo maior adensamento populacional entre 1987 e 2008.

Dantas e Clementino (2013b) reforçam que a posição geográfica de Pau dos Ferros, associada ao processo histórico de ocupação do solo urbano, onde foram instalados alguns dos principais serviços públicos estaduais e federais, bem como diversas atividades comerciais, fizeram da cidade de Pau dos Ferros o polo regional de atividades socioeconômicas no ‘Alto Oeste Potiguar’.

Em termos econômicos, assiste-se a predominância do setor terciário com participação no PIB de 79,8 em Pau dos Ferros. Importante salientar que a participação do setor público nos serviços também é bas-

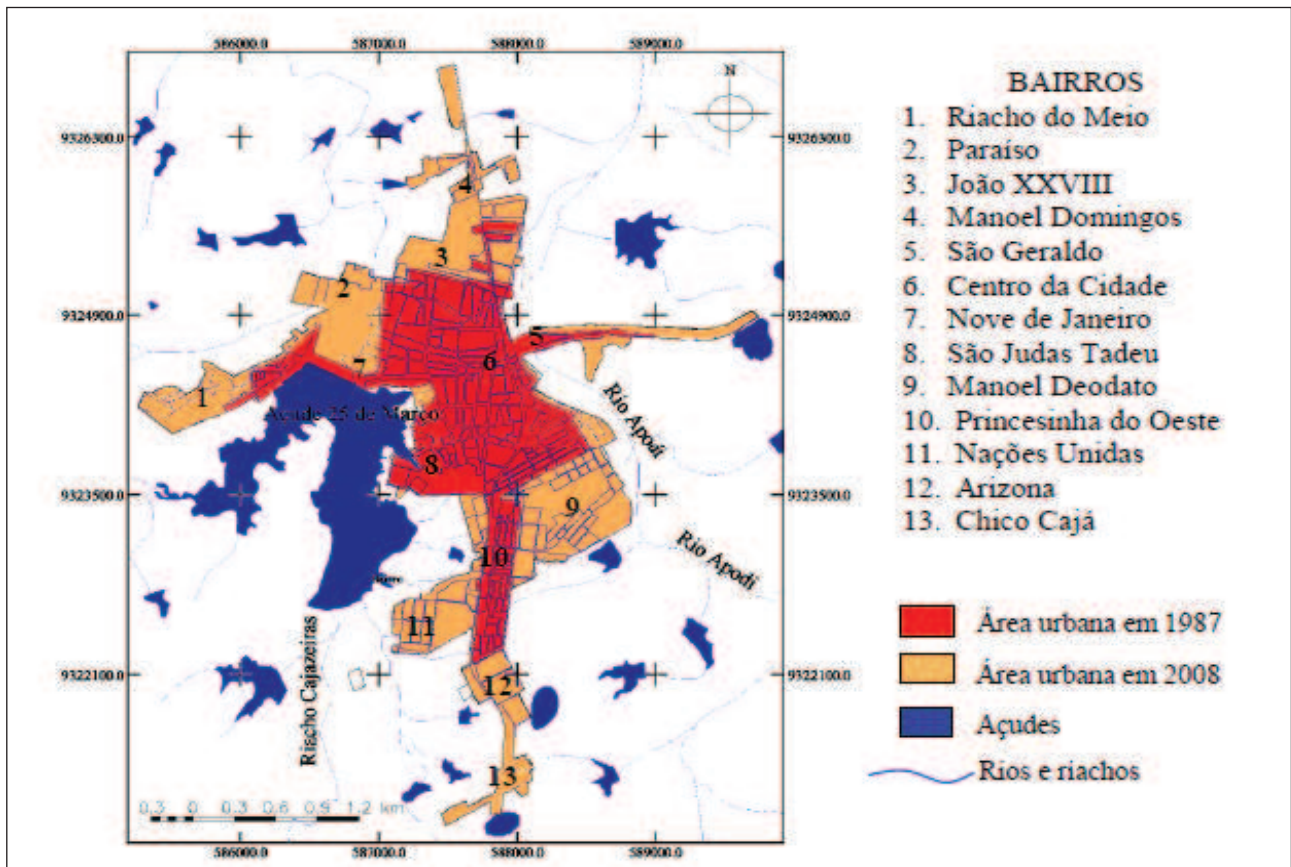
tante significativa, sempre acima de 40%, o que confirma a importância da presença do Estado na região; presença que tem se ampliado na última década com a interiorização do ensino superior nos níveis médio e técnico, com a implantação dos Institutos Federais e com a ampliação

dos cursos da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e a implementação de um Campus da Universidade Federal do Semiárido (UFERSA).

O mapa da área urbana de Pau dos Ferros mostra que a rede urbana se estende às margens da BR 405 que

corta cidade de norte a sul e da RN-117 que perpassa Pau dos Ferros de leste a oeste, esta última, foi recentemente interligada à BR-226, a qual tem início em Macaíba (RN) e atravessa Pau dos Ferros com destino ao estado do Tocantins.

Figura 1 – Carta da expansão urbana de Pau dos Ferros-RN – (1987-2008)



Fonte: Costa (2010 apud DANTAS e CLEMENTINO, 2013, p.13).

Salientamos que o aumento do investimento do setor público na interiorização do ensino superior tem sido acompanhado por instituições privadas que também estão se instalando na cidade. O mesmo acontecendo com a área de saúde privada que também tem se expandido no período recente. Steinberger e Bruna (2001) ressaltam a relevância das

cidades médias no sentido das mesmas serem elos de ligação entre os espaços urbano e regional e entre os interesses públicos e privados.

Para além da expansão do perímetro urbano de Pau dos Ferros, chamamos a atenção para diversas funções, tidas como funções clássicas das cidades médias, no desenvolvimento regional e de ordenação do

território na sua região de influência, e para a expansão da sua área de influência no intuito de compreender sua dinâmica urbano-regional e sua importância para o desenvolvimento da região.

Em geral as principais funções desempenhadas pelas cidades médias são a oferta de empregos suficientes para acolher a população

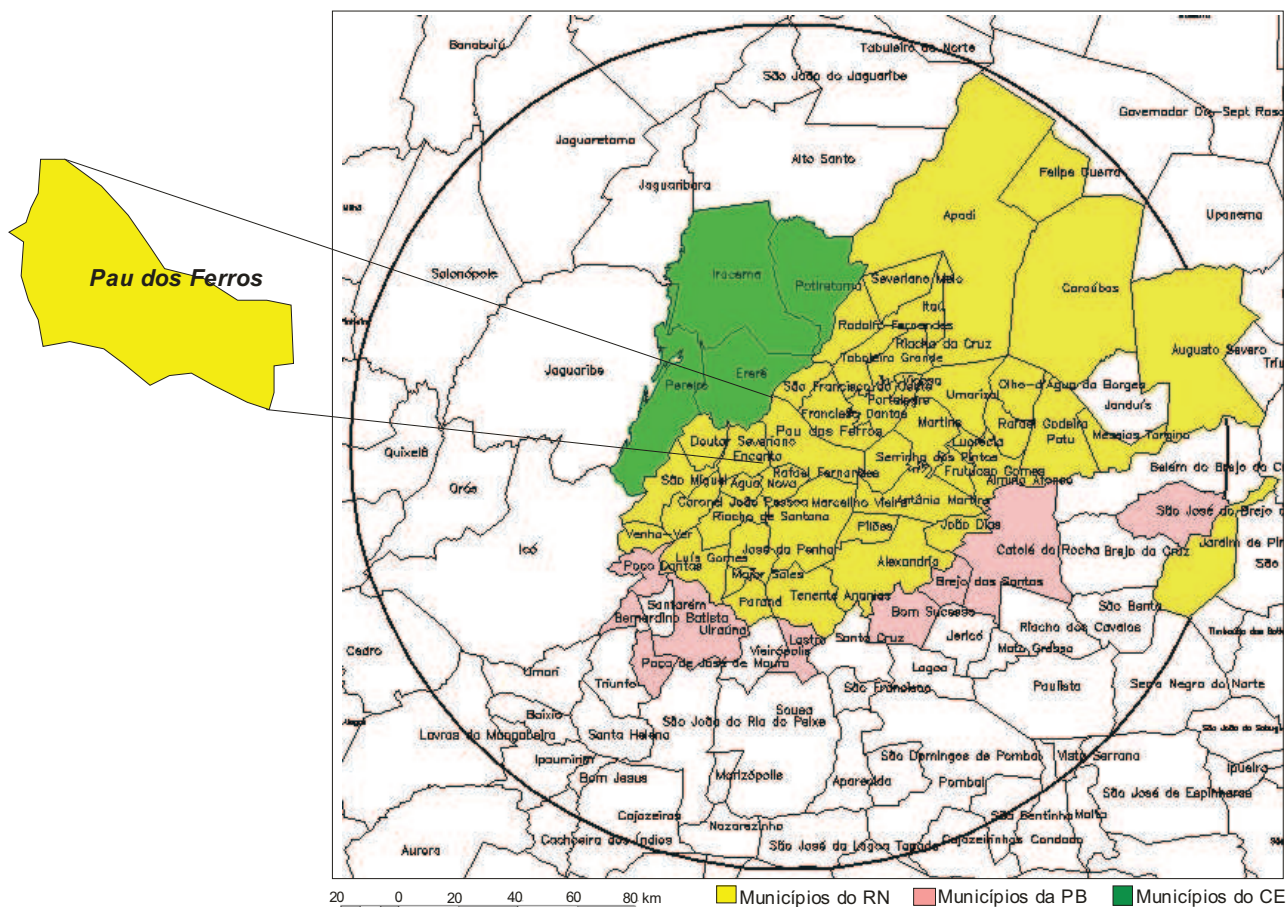
rural do entorno, servir como amortecedor da migração para as grandes cidades ao absorver a população dos núcleos urbanos saturados e facilitar as condições de vida da sua população e da população da sua área de influência.

A área de influência de Pau dos Ferros foi definida por Dantas e Clementino (2013b) a partir de 03

critérios: 1) os dados de relacionamentos do REGIC (IBGE, 2008); 2) os dados de origem residencial dos alunos matriculados nos cursos de graduação do Campus Universitário da UERN em Pau dos Ferros (2010 - 2012) e; 3) os municípios localizados num raio de 100km formado a partir da sede do município de Pau dos Ferros. A área de influência de

Pau dos Ferros ficou, portanto, configurada e passa a ser composta por 55 municípios (42 no Rio Grande do Norte, 09 na Paraíba e 04 no Ceará), conforme mapa 2 a seguir. Somadas as populações desses municípios, inclusive Pau dos Ferros, tínhamos em 2010, nessa área, 440.877 habitantes, dos quais 281.890 (63,94%) residem na área urbana (IBGE, 2010).

Mapa 2 – Área de influencia de Pau dos Ferros



Fonte: Dantas e Clementino (2013b).

Importante destacar que tomando o raio de 100 km a partir da cidade de Pau dos Ferros, não há sequer um município com população superior a 100 mil habitantes em qualquer dos três estados fronteiriços. Em todo o Rio Grande do Norte, somente 02 (dois) municípios estão

na faixa acima de 200 mil habitantes: Parnamirim, na Região Metropolitana de Natal e Mossoró na região Oeste (distante 150 km de Pau dos Ferros). Natal, a capital do Estado à 400 km tem mais de 800 mil habitantes. IBGE (2010).

Em termos funcionais e de centralidade Pau dos Ferros tem despontado como centro de serviços, com oferta de educação de nível superior e serviços de saúde tanto no âmbito público como privado; essa ampliação no setor de serviços tem atraído pessoas de outros mu-

nicípios e da área rural em busca de emprego urbano. A mobilidade pendular de pessoas seja para trabalho, ou para estudo tem sido facilitada pelo fato da localização de Pau dos Ferros num entroncamento rodoviário e numa região fronteira entre estados, conforme apontamos anteriormente.

IBGE considera como movimento pendular aquele que se refere aos deslocamentos para trabalho e/ou estudo fora do município de residência. Tais movimentos se dão em razão das necessidades da população seja para trabalho, em diversos setores da economia, ou para estudo uma vez que a oferta de cursos e as modalidades de ensino superior ainda são concentradas em determinadas cidades, na maioria das vezes nas capitais e/ou nos chamados centros intermediários, com destaque para as cidades médias. De forma que analisar os chamados movimentos pendulares se faz importante para melhor compreender a dinâmica urbana no que se refere ao uso e sua ocupação.

No Brasil, o IBGE utilizou o deslocamento diário de população entre o local de residência e o de trabalho no processo de delimitação das áreas metropolitanas. Na época, eram considerados municípios integrados aqueles que tivessem “pelos menos 10% de sua população total deslocando-se diariamente, em viagens intermunicipais, para o município que contém a cidade central ou outros municípios da área.” (GALVÃO et. al., 1969, p.61).

Moura, Branco e Firkowski (2005 p. 121) destacam algumas questões teóricas acerca do sentido, duração e escala de abrangência do movimento e verificam que esses deslocamentos têm ocorrido em distâncias cada vez maiores entre a origem e o destino, o que revela um avanço do processo de ocupação do espaço das aglomerações urbanas. “As centralidades dessas áreas tor-

nam-se nítidas e permitem a identificação de processos seletivos de uso e apropriação do espaço, com segmentação dos locais de moradia e de trabalho.”

Os movimentos pendulares estão, portanto, associados a mudanças socioeconômicas e são apontados como uma expressão da reestruturação do trabalho e do capital com implicações na estrutura urbana, na circulação de pessoas, as vias de acesso e aos transportes. Conforme Moura (2009, p. 50),

Esse movimento vem adquirindo crescente visibilidade nas grandes cidades, dada sua associação com as demandas por transporte e vias de circulação, incidindo de maneira decisiva no funcionamento cotidiano e na projeção estratégica das cidades, tanto para pessoas como para empresas e instituições.

Apesar da análise do movimento pendular ser mais usada para entender a dinâmica das grandes cidades, acreditamos que sua utilização para entender a dinâmica regional de Pau dos Ferros se faz pertinente, uma vez que, sua área de influência é relativamente grande em virtude da oferta de serviços públicos com destaque para o ensino superior e serviços de saúde, e da diversidade do comércio e dos demais serviços privados que além de atrair consumidores da região também serve como ‘bacia’ de empregos para a população dos municípios vizinhos.

Em termos de total de fluxo de pessoas, Pau dos Ferros assume o 11º lugar no Estado em 2010, quando em 2000 era 13º, e apresenta um crescimento de 1.511 pessoas em 2000 para 4.987 em 2010, em valores absolutos, três vezes maior que o de 2000. A maior parte deste crescimento aconteceu na entrada de pessoas, que cresce de 1.051 em 2000 para

3.862 em 2010, um incremento de 2.811 pessoas. Em termos percentuais podemos dizer que 77,44 do fluxo de movimento pendular em Pau dos Ferros é de entrada, o que o caracteriza um município receptor de pessoas; interessante ressaltar que em 2010, Pau dos Ferros foi responsável por 20,28% das entradas em sua área de influência, em 2000 este percentual era de 16,17%.⁷ Esses dados corroboram a importância de Pau dos Ferros para a região e a ampliação de suas funções urbanas, em especial no que se refere à oferta de ensino e de postos de trabalho para sua área de influência.

Tomando os municípios que compõem a área de influência de Pau dos Ferros observamos que os maiores fluxos de saída em 2010 ocorreram nos municípios de Apodi (RN), Catolé do Rocha (PB), Uiraúna (PB) e Pau dos Ferros (RN) com participações de 8,78%, 6,0%, 4,52% e 4,08% no total do fluxo de saída da área de estudo. Em termos de fluxos de entrada, depois de Pau dos Ferros com 20,28% dos fluxos, temos em segundo lugar Catolé do Rocha (PB) com 8,55%; e logo em seguida Apodi (RN) e Caraúbas (RN) com 5,03% e 4,51% respectivamente.

Moura, Branco e Firkowski (2005) destacam também que salvo algumas exceções “a proporção dos deslocamentos nos polos sempre era a menor do conjunto regional”. Vimos que esse fenômeno ocorre também em nossa área de estudo, uma vez que a taxa de saída de Pau dos Ferros é de 4,1 da população, empacando com Pereiro (CE) como a mais baixa entre os municípios selecionados, na área de estudo apenas Martins, Venha-Ver e João Dias apresentam taxas de saída menores, o que pode ter acontecido em virtude da própria geografia da região, as duas primeiras cidades encontram-se

⁷ Todos os dados referentes ao movimento pendular tem como fonte os microdados da Amostra do Censo do IBGE 2010, compilados pelas autoras.

em regiões serranas, e/ou da própria dificuldade de mobilidade, em virtude da falta de vias asfaltadas ou das péssimas condições das estradas existentes.

Além de identificar o volume dos deslocamentos é importante também verificar a proporção destes em relação à população que trabalha e a população que estuda.

As maiores proporções de movimentos de partida pressupõem baixa capacidade interna de absorção de mão-de-obra ou de oferta de serviços educacionais compatíveis com as necessidades da população. Demonstram o papel desses municípios como 'dormitórios', realizando importante função na dinâmica da aglomeração. Aqueles com maior dinamismo econômico quase sempre apresentam baixa proporção de deslocamentos, mesmo quando ocorrem altos volumes. (DESCHAMPS, et. al., 2007, p. 6)

Tomando como polo, o município de Pau dos Ferros, fizemos uma seleção dos municípios que tiveram em 2010 fluxos de destino de mais de 50 pessoas para Pau dos Ferros (Anexo 1). Destes municípios foram analisadas as proporções dos fluxos de pendularidade para saída e para entrada em relação à população total, bem como os percentuais de fluxos para trabalho em relação à população ocupada e os percentuais de fluxos para estudo em relação aos estudantes.

Pudemos observar que a exceção de Pau dos Ferros, todos os demais municípios têm taxa de mobilidade (saída) superior à taxa de atração (entrada), o que corrobora nossa hipótese de que Pau dos Ferros ao atuar como centro de serviços atrai estudantes e trabalhadores de uma quantidade significativa de municípios o que acentua seu papel de intermediação para além do Alto Oeste Potiguar, ao expandir sua influência para outras microrregiões

do Rio grande do Norte e para os estados da Paraíba e do Ceará.

Por outra perspectiva, os dados nos permitem verificar que a grande maioria dos municípios não dispõe dos serviços básicos para a atendimento a população em idade de estudar, nem dispõe de atividades econômicas capazes de assegurar emprego à população economicamente ativa, o que justifica que 13 (treze) dos 20 (vinte) municípios tenham índices proporcionais de saída para trabalho em relação à população ocupada superiores a 10%, chegando em alguns municípios a 18,1 e 17,7 é o caso dos municípios de Francisco Dantas e Rafael Fernandes, respectivamente. Vale salientar que ambos fazem fronteira física com Pau dos Ferros e estão a uma distância média de 14 km. Fenômeno semelhante acontece com as proporções de saídas para estudo em relação à população estudante.

Observando as proporções de entrada, Pau dos Ferros apresenta os maiores índices tanto em termos de trabalho como de estudo. São 16,7 de trabalhadores em relação à população ocupada, seguido de longe por Taboleiro Grande (8,9). Os dados do fluxo de entrada para estudo são ainda maiores (26,3), ou seja, mais de um quarto das pessoas que estudam em Pau dos Ferros vem de outros municípios.

Esses dados corroboram nossa tese inicial de que Pau dos Ferros assume as funções de uma cidade média no interior da 'rede urbana nordestina interiorizada', em especial na raia divisória RN-PB-CE.

4 CONCLUSÃO

Foi possível verificar ao longo do artigo a importância de Pau dos Ferros para o desenvolvimento de sua região de influência e o papel que desempenha na 'rede urbana nordestina interiorizada'.

Pudemos constatar também a ampliação da rede urbana de Pau

dos Ferros-RN, ampliação que se deve em especial à interiorização da educação superior e à descentralização dos serviços de saúde, os quais tem contribuído para a atração de investimentos privados nas respectivas áreas, para a dinamização da economia da cidade e para a ampliação da sua área de influência que, como vimos se estende para além das fronteiras do Rio Grande do Norte.

Consideramos a expansão do ensino superior, a partir da década de 2000, inicialmente na rede pública e posteriormente na rede privada, como um diferencial para a configuração urbano-regional de Pau dos Ferros. Os dados de movimento pendular, referentes ao censo de 2010, mostram a ampliação do fluxo de pessoas que se deslocam dos seus municípios para estudar em Pau dos Ferros. De acordo com os dados do IBGE, os deslocamentos para estudo em Pau dos Ferros dos municípios de sua área de influência representam 58,62 das entradas de pessoas destes municípios em Pau dos Ferros.

Ressalte-se que em 2011, tínhamos mais de 1600 alunos estudando no Campus universitário da UERN, grande parte de outros municípios. Levando-se em conta que além da UERN, passaram a atuar no ensino superior em Pau dos Ferros duas instituições federais, o IFRN e a Universidade Federal do Semi-Árido (UFERSA), e duas instituições privadas (Universidade Anhanguera e Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar – FACEP), essa área de atuação e o movimento pendular de pessoas só tende a se ampliar.

Tomando por base a importância regional na prestação dos serviços de educação superior e a densidade dos fluxos que diariamente se direcionam para Pau dos Ferros, apresentamos a proposição de que está se constituindo na rede urbana potiguar e na raia divisória RN-PB-CE um aglomerado urbano-regional

descontínuo formado por Pau dos Ferros e sua hinterlândia.

REFERÊNCIAS

AMORIM FILHO, Oswaldo;
SERRA, Rodrigo V. Evolução e perspectivas do papel das cidades médias no planejamento urbano e regional. In: ANDRADE, Thompson A.; SERRA, Rodrigo V. **Cidades médias brasileiras**. Rio de Janeiro: IPEA, 2001.

ANDRADE, Manoel C. **Geografia econômica do Nordeste**: o espaço e a economia nordestina. São Paulo: Atlas, 1987.

ARAÚJO, Mayara M. S.; MOURA, Rosa; Dias, Patrícia C. Cidades Médias: uma categoria em discussão. In: PEREIRA, Rafael H. M.; FURTADO, Bernardo A. (Org.) **Dinâmica urbano-regional**: rede urbana e suas interfaces. Brasília: IPEA, 2011.

AVELINO, José L. O papel das cidades intermédias na promoção do desenvolvimento regional: o caso do sistema urbano local de Santarém/Almerim/Cartaxo. In: CONGRESSO DE GEOGRAFIA PORTUGUESA, 3, set. 1997. Porto, Portugal. **Anais....** Porto-PT: 1997, p. 465-473.

BRANDÃO, Carlos. **Território e Desenvolvimento**: as múltiplas escalas entre o local e o global. Campinas/SP: Ed. da UNICAMP, 2007.

CANO, Wilson. Urbanização: sua crise e revisão de seu planejamento. **Revista de Economia Política**. v. 9, n 1. São Paulo: jan./mar. 1989, p. 62-82.

CLEMENTINO, Maria do Livramento M. **Receitas municipais e grau de dependência dos pequenos municípios do Nordeste**. Natal/RN, 1997.

COSTA, Franklin R. **Inundações urbanas no semi-árido nordestino**: o caso da cidade de Pau dos Ferros-RN. Natal/RN, 2010, 87p. Dissertação de Mestrado. Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA). Universidade Federal do Rio Grande do Norte(UFRN).

DANTAS, Joseney R. Q. **As cidades médias no desenvolvimento regional**: um estudo sobre Pau dos Ferros (RN). Natal, 2014, 260p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2014.

DANTAS, Joseney R. Q.; CLEMENTINO, M^a. Livramento M. Reestruturação produtiva e as novas configurações das cidades médias potiguaras: estudo preliminar sobre Pau dos Ferros-RN. **Revista de economia regional, urbana e do trabalho**. Natal/RN. abr. 2012.

_____. O papel das cidades (inter) médias para o desenvolvimento regional: um estudo a partir dos centros sub-regionais (Pau dos Ferros-RN, Cajazeiras-PB e Sousa-PB). **GeoUERJ**, Rio de Janeiro, ano 15, n. 24, v.1, p. 228-255, 1. sem. 2013a.

_____. As cidades (inter) médias no desenvolvimento regional: um estudo sobre Pau dos Ferros (RN). In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 15. 20 a 24 de maio de 2013. **Anais....** Recife, 2013b.

DESCHAMPS, Marley. et. al. **Nível de integração dos municípios à dinâmica metropolitana**. Curitiba: jun. 2007. (Primeira Versão, 5).

FARIA, Vilmar. O processo de urbanização no Brasil: algumas notas para seu estudo e interpretação. In: **Anais do I Encontro da ABEP**, 1978, p. 89-110.

FERRÃO, João; HENRIQUES, Eduardo B.; NEVES, Antonio O. Repensar as cidades de média dimensão. **Análise Social**. v. 29, Lisboa-PT: 1994. p. 1123-1147.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Região de Influência das Cidades - 2007**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

_____. **Resultados do Censo 2010**. IBGE, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/populacao_por_municipio_zip.shtm>. Acesso em: 14 dez. 2010.

_____. **Censo demográfico 2010**. Microdados da Amostra. IBGE, 2012.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Caracterização e tendências da rede urbana no Brasil - Desenvolvimento Regional e estruturação da rede urbana**. Brasília: IPEA, IBGE, UNICAMP, 2002. (v. 3).

MOURA, Rosa; BRANCO, M. L. G. Castello; FIRKOWSKI O. L. C de Freitas. Movimento pendular e perspectivas de pesquisas em aglomerados urbanos. **São Paulo em Perspectiva**, v. 19, n. 4, p. 121-133, out./dez. 2005.

MOURA, Rosa. **Arranjos urbano-regionais no Brasil**: uma análise com foco em Curitiba. 2009. Tese (Doutorado) - UFPR, 2009.

PASSOS, Messias M. A construção da paisagem na raia divisória São Paulo-Paraná-Mato Grosso do Sul. In ENCUESTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA, 12, Abr. 2009 – Montevideo, Uruguay. **Anais...** Montevideo, Uruguay: 2009, 20 p.

PEREIRA, Anete M. **Cidade média e região: o significado de Montes**

Claros no norte de Minas Gerais. Uberlândia/MG, 2007, 351p. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Instituto de Geografia. Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

PONTES, Beatriz M. S. As mudanças no processo produtivo capitalista e suas repercussões nas cidades médias nordestinas. In: SPOSITO, E. S.; SPOSITO, Maria E. B.; SOBARZO, O. (Org.) **Cidades médias:** produção do espaço urbano e regional. São Paulo: Expressão popular, 2006.

TORNÉ, Joseph M. Llop;
SANFELIU, Carme Bellet.
Comentários sobre alguns

resultados de las escuestas en el programa UIA-CIMES. 2000. 5.p. (Documento 6 do projeto Ciudades intermedias y urbanización mundial). Disponível em: <<http://paeria.es/cimes/>>. Acesso em: 14 dez. 2010.

SANFELIU, Carme Bellet. **Ciudades intermedias y urbanización mundial:** una visión general a finales del siglo XX. Resistência, 2000. 6 p. (Documento 8 do projeto Ciudades intermedias y urbanización mundial). Disponível em: <<http://paeria.es/cimes/>>. Acesso em: 14 dez. 2010.

SOARES, Beatriz R. Repensando as cidades médias no contexto da

globalização. **Revista Formação,** Presidente Prudente, n.º. 6, p. 55-63. jan./dez. 1999.

_____.; RAMIRES, Júlio C de L. **As cidades médias e o contexto da globalização:** reflexões a partir da realidade brasileira. Uberlândia. 1997.

SPOSITO, Ma. Encarnação B. As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos. In: SPOSITO, Ma. Encarnação B. (Org.). **Urbanização e cidades:** perspectivas geográficas. São Paulo: UNESP, FCT, 2001.

ANEXO 01

Proporção dos fluxos de pessoas para trabalho e/ou estudo em relação a população total, só trabalho em relação à população ocupada e só estudo em relação à população estudante, municípios selecionados⁽¹⁾ – 2010.

MUNICÍPIO	SAÍDA (ORIGEM)			ENTRADA (DESTINO)		
	% fluxos para trabalho e/ou estudo/população total	% fluxos para trabalho/população ocupada	% fluxos para estudo/população estudante	% fluxos para trabalho e/ou estudo/população total	% fluxos para trabalho/população ocupada	% fluxos para estudo/população estudante
Água Nova(RN)	6,0	10,2	8,2	2,2	5,5	1,2
Alexandria(RN)	5,7	9,1	9,6	4,1	5,2	7,5
Apodi(RN)	7,0	7,8	12,7	2,8	4,3	3,3
Doutor Severiano(RN)	8,0	6,8	14,3	0,6	1,1	0,1
Encanto(RN)	10,0	16,3	11,7	1,4	2,8	1,0
Ererê(CE)	7,1	14,6	6,5	2,1	3,7	2,5
Francisco Dantas(RN)	12,9	18,1	17,7	3,3	2,7	7,0
Itaú(RN)	8,4	10,5	14,7	6,1	6,7	10,8
José da Penha(RN)	7,1	11,6	11,7	1,7	2,4	3,0
Marcelino Vieira(RN)	6,7	13,4	8,3	3,7	2,6	8,7
Pau dos Ferros(RN)	4,1	7,6	4,7	13,9	16,7	26,3
Pereiro(CE)	4,1	6,1	5,1	3,7	4,0	6,3
Pilões(RN)	7,1	13,8	13,9	3,6	6,3	6,9
Portalegre(RN)	5,9	8,8	8,7	2,8	4,4	3,8
Rafael Fernandes(RN)	9,2	17,7	13,5	2,0	2,6	4,3
Riacho de Santana (RN)	6,1	10,1	11,8	1,8	1,5	4,2
São Fco. do Oeste(RN)	9,2	15,6	12,6	1,3	0,8	3,5
São Miguel(RN)	4,3	6,6	6,5	3,5	3,0	7,4
Severiano Melo(RN)	10,0	14,4	18,4	3,8	4,1	7,9
Taboleiro Grande(RN)	6,6	5,6	15,5	4,2	8,9	3,7
Tenente Ananias(RN)	7,6	15,3	10,2	2,0	2,1	4,9

Fonte: IBGE – Censo demográfico, 2010 (microdados da amostra). Elaboração da Autora.

⁽¹⁾ Municípios da área de influência de Pau dos Ferros (inclusive P Ferros) que estabelecem fluxos superiores a 50 pessoas com Pau dos Ferros.